

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses  
Ano III—Numero 129      Preço avulso 1 Escudo      12 Paginas

# O DOMINGO

## *ilustrado*

SEMANARIO  
R. D. PEDRO V-18  
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM  
TODA A PROVINCIA  
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



### O PRÉMIO DO REGRESSO !!

O Sr General Domingues, ilustre e querido ex-comandante da Aeronautica, abraçando, com as lagrimas nos olhos, o major Sarmento de Beires.—  
Dois peitos de portugueses que se estreitam comovidos pela ideia da Patria.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING



ESTE NUMERO FOI VISADO  
PELA COMISSÃO DE CENSURA  
cronica da semana

UMA PONTE... DE PAPEL

A ponte sobre o Tejo! A morte civil do vapor de Cacilhas... Um passeio a pé ou de automovel á Outra Banda... Um novo centro de diversões para esta macambuzia Lisboa, que anda tão preocupadinha com o problema da agua, com o problema da luz, com o problema do transitio, com o problema do inquilinato...

Que belo tema para discursos, para conferencias, para monografias historicas, para artigos de jornal—para tudo! Se chegam a construir a famosa ponte, o que vai ser de nós, santo Deus!?

E' que a ponte constitui para o jornal, principalmente, um assunto inexgotavel. E' o artigo de fundo, é a entrevistastinha a duas colunas, é a gazetilha humoristica, é a cronica ligeira, é o comentario facil.

A ponte só por si é um jornal de dezasseis pilares, um numero comemorativo do centenario de Vasco da Gama ou da retirada dos liberais para Valongo.

E há ainda o problema das gaivotas. Com a construção da ponte, o Tejo fica dividido em dois bairros: o Tejo para além da ponte e o Tejo para aquém da ponte:—o bairro de juizante e o bairro de montante. Haverá um limite para as relações que ligam entre si esses passaros piscatorios; uma fronteira, uma alfandega, um guarda fiscal e um agente de emigração.

As gaivotas passarão a usar passaportes diplomaticos e a ir, pelo menos uma vez no ano, ao estrangeiro. Ainda as havemos de ver, se o projecto da ponte for por diante, com dois lugares permanentes no Conselho Executivo da Sociedade das Nações.

Enfim, a gaivota vai ser gente, se a ponte se arrisca um dia a sair do papel—para dar um passeiozinho com mulheres até á Outra Banda.

NORBERTO LOPES

LER NO PROXIMO NUMERO

Uma rapariga alegre

Interessante novela de

NORBERTO LOPES

PENSANDO NO FUTURO



—Resolvi estabelecer-me. Para isso vou abrir uma joalheria  
—Tens então capital, mercet?...  
—Não, mas tenho um pé de cobra...

Má Língua

QUADRAS... SEM CONCURSO

Quando ha eclipse do Sol  
—a lua ás vezes engole-o...—  
Santa Rita põe no rol  
daze tostões de pitoleo.

Qual será, feito de rijo,  
com mestria, por inteiro,  
o signal de regosijo  
de um policia sigualeiro?.

Para sahir do teu quarto  
trouxo os sapatos na mão.  
Ai filha! já estou tão farto  
de tanta constipação...

Disse á Lua: —E's redondinha,  
és mais fresca que um repolho...  
A Lua, derretidinha,  
sorriu e piscou-me o olho.

A grammatica é uma sciencia  
muito importante no amor,  
onde grammar com paciencia  
é a sciencia superior...

O meu coração convulso,  
nesta paixão nunca vista,  
é um relógio de pulso  
no pulso de um pugilista.

Haverá quem se convença,  
—seja homem ou madama—  
que por o amor ser doenca  
faz a gente estar de cama?..

Faço quadras, maravilhas,  
depenando as sobranceiras...  
Sou maior que os de Cacilhas  
que só sabem dar parelhas...

Nem o sabio mais profundo  
nem o Rei com mais escolta  
chegarão ao outro mundo  
com bilhete de ida e volta.

Tem o Costa cosas postas,  
commerciaes, quem e além.  
Viaja.—E folgam as Costas  
enquanto o Pae vae e vem.

Tudo na vida anda á rasca  
pois viver é um grande frête.  
Um pinto que sahe da casca  
não sabe no que se mette.

Não. Não me animes. Concorde  
que é um crime refusado  
vir murmurar «Sursum Corda»  
á porta de um enforcado.

Comprei jogo, num arranco  
da esperanza em que me integro.  
Se o bilhete me sahe branco,  
ai que futuro tão negro!

Falla ao teu genio. Convence-o  
que esse fallar é bravata.  
O que é de oiro é o silencio  
de uma linguinha de prata.

Uns escudos?... Tu não médes  
o meu mal. Mas não t'os négo:  
a cartinha em que m'os pédes  
é uma carta de prégo.

A quanto dizer acerbo  
certas palavras se prestam!  
Paris... é o tempo de um verbo  
que as parisienses detestam...

ECOS

As acumulações

Provou-se á evidencia que o decreto unindo as acumulações (não era uma proibição mas vinha a dar nisso) acarretava grandes prejuizos para o tesouro publico.

Conhecemos professores que ficaram ganhando 60 e 90 escudos mensais, trabalhando ali á preta, como se não acumulassem. Isto que era um cúmulo!

E' claro que não venciam nada, porque davam logo por vencidos, cedendo o lugar a quem viria vencer, como um vencedor, algumas centenas de escudos mensais.

Touros de morte

Recebemos algumas cartas felicitando-nos ou atacando-nos, por motivo do eco publicado sob esta epigrafe, no nosso ultimo numero. Indicamos que ele se baseou apenas no common sense evidente que se observa entre as multiplicas afirmações de que é preciso «educar» novo, e a co descendencia de ceder ao desejo dos que encontram prazer num espectáculo que poderá servir todas as causas menos a educação popular. Quem se revolta com esta afirmação, revolva-se contra a Verdade.

Recebemos algumas cartas felicitando-nos ou atacando-nos, por motivo do eco publicado sob esta epigrafe, no nosso ultimo numero. Indicamos que ele se baseou apenas no common sense evidente que se observa entre as multiplicas afirmações de que é preciso «educar» novo, e a co descendencia de ceder ao desejo dos que encontram prazer num espectáculo que poderá servir todas as causas menos a educação popular. Quem se revolta com esta afirmação, revolva-se contra a Verdade.

Vãos transatlanticos

A America vingava-se de ter sido descoberta não se deixando descobrir pelos aviadores europeus. De lá para cá, dá tudo certo. De lá para lá, dá catastrophe. Os cerrados nevoeiros da Terra Nova tampam o mundo novo aos olhos europeus.

E, a proposito de vãos transatlanticos: Fallando-se do vôo de Chamberlain, alguém commentou: «Esse não morre afogado. A agua escoa se-lhe aavez do corpo, como através dum filtro; dum filtro Chamberlain...» Os antimos que não foi o brilhante jornalista Antonio Ferro.

marmore deixaram-se modelar pela mão do homem em figuras humanas, mas permaneceram inertes. A beleza que nós criamos, com esforço impotente de perfeição, ha-de ser eternamente uma incompleta e imperfeita reprodução da beleza que anima a Vida. E por assim criamos a fealdade acreditamos na sua existencia.

Não ha, portanto, mulheres feias. O que ha em certos dias, e uma pessima disposição do nosso espirito, que nos faz ver feio tudo o que nos rodeia: os predios, os rostos, o céu e o futuro do país. A complicação da vida, como nós a organizamos, é que gera este sentimento da fealdade, porque é de notar que tais estados de espirito coincidem sempre com faltas de dinheiro.



MANEIRAS DE DIZER



—Imagina aquelle louco que arrisca a vida a fazer equilibristas no alto daq. ela Torre!...  
—Parece impossivel! E' um verdadeiro desiquilibrado!

questão prévia

TODOS nós, mais ou menos, temos feito esta observação: em certos dias as ruas povoam-se de mulheres feias, com a mesma facilidade e abundancia com que em outros dias se enchem de bonitas.

Ora eu não creio que este fenomeno seja consequencia dum tacito acôrdo estabelecido entre bonitas e feias, por varias razões semelhantes áquelas do comandante da fortaleza, que não deu a salva do esilo, a primeira das quais era não ter polvora. Nunca as mulheres chegam a um acôrdo, cuja base importasse solução pelo palminho de cara, porque não há uma só que se não creia bonita e não esteja enamorada da sua pessoa. O simbolo mitico de Narciso errou o sexo. Mais largamente e com mais propriedade se applicaria á mulher, encantada, diante do espelho, mesmo com as suas imperfeições. Narciso, entre a gente de bigode e pêra, só tem valor como simbolo de certos cavalheiros que, revendo-se na agua choca da sua obra, se enamoram da propria intelligencia, a ponto de parecer que a não tem.

O fenomeno não pode tambem filiar-se no mero acaso, na coincidência pura e simples de certos dias da semana com a saída exclusiva das mulheres feias.

Para satisfação do meu espirito construí sobre o assunto uma teoria, que daqui lanço sobre as Acadenias e outros institutos scientificos, na esperança de que ela não provocará menor assombro que a «teoria da reatividade»

de Einstein. Chama-se «teoria da fealdade» e resume-se no seguinte:

No mundo tudo é belo: a agua, o ar, o fogo e a terra, a andorinha e a serpen e, o lirio e o repolho. O mesmo ritmo de beleza pulsa nas ondas do mar e na musica cantante dum fio de agua, caíndo de rocha em rocha. Num busto de mulher, que se inclina sobre o nosso ombro, ha a mesma graça e a mesma indolencia airosa da «Fenix reclinada», a palmeira esbelta dos oasis. A beleza, essencia de Deus, é una e indivisivel.

Estava na cellula inial e espalhou-se por toda a criação, conservando a sua unidade. A dôr é tão bela como a alegria, lagrimas e risos são apenas aspectos diferentes da mesma beleza.

A fealdade fomos nós que a creamos, nós, os anjos revoltados. Ela só existe na nossa imaginação e só os nossos olhos vêem feio. Afastamo-nos tanto da natureza, compicamos tanto a vida que quasi perdemos o sentimento da sua magestosa simplicidade e da sua intrinseca beleza. Atrofiámos o corpo, apertando-lhe as formas no talhe dos vestidos e atrofiámos o espirito, metendo-o á força na estreiteza da lei. Quizemos, por nossas mãos, criar beleza e mais não temos vindo a fazer, ha centenas de seculos, do que macaquear a Natureza.

A caverna sugeriu-nos o palacio e o templo, o tronco «posou» para a coluna, o peixe para o navio, o prado para o jardim. O bronze e o



## HUMORISMO



## A unica saída

O futuro está no ar. Ninguém dirá, mas é assim mesmo. A terra e o mar são elementos gastos, explorados. O espaço é agora a tentação. Tudo vai pelos ares. Ou a poder de dinamite ou de avião. Todos querem subir. Todos querem voar, todos querem atingir por esse processo a gloria e a fortuna.

Tantos raids, records, voltas ao mundo, tem dado volta a muito pouco ao miolo contemporaneo.

Ontem, num electrico ouvi este dialogo edificante e assaz demonstrativo do que afirmo:

—Não, meu caro, isto não pode continuar assim; o negocio não me dá para viver; por mais que esfole a freguesia não me chega, não passo da cêpa torta. Estou farto de nadar em dificuldades constantemente, de privações, de miserias...

—Mas o que querê você! E' preciso a gente conformar-se.

—Impossivel, não posso mais.

—Nesse caso, só tentando outro modo de vida.

—Isso sim; está tudo exploradissimo, tudo. Isto é, ha só uma coisa hoje que nos pode salvar.

—Diga lá; se me convier tambem aproveito.

—Uma unica solução, uma unica saída...

—Um tiro nos miolos?

—Não é bem isso, se bem que possa vir a dar o mesmo resultado.

—Então já vejo que não me serve.

—A unica saída, acredite, é irmos pelo ar.

—O diabo seja surdo.

—Refiro-me ao nosso resgate de miserias, ao nosso engrandecimento pela aviação. Veja como de toda a parte estão partindo arrojados aviadores, cruzando o espaço em todas as direcções, conquistando records, fazendo raids, que lhes dão a morte, ou a celebridade e a fortuna.

Já vê, portanto, qual é hoje a unica solução para sair desta mediocridade em que vegetamos contrafeitos, qual é, afinal, a unica saída, a unica solução: um raid, que pode muito bem ser na verdade um raid que nos parta por uma vez, fazendo-nos partir desta para melhor, mas que nos pode trazer tambem a felicidade completa, a fortuna,

a imortalidade, a propria gloria, que é como sabe uma senhora bastante caprichosa e reservada, mas que num caso destes fica logo pelo beicinho.

—Diz bem, é uma senhora muito exquisita, muito cheia de manias.

Tem revoadas. Agora, por exemplo, é doidinha por azes, toda ela é azas. São caprichos. Você pode fazer um livro genial, uma descoberta sensacional ou uma invenção maravilhosa que venha roubar á morte, por esses seculos fóra, muitos milhões de vidas; e ela pode não lhe ligar nenhuma ou ligar-lhe menos importancia do que ligaria se vo-



cê tivesse vencido a soco alguns dos seus mais brutos semelhantes ou inventasse uma dança que entre os proprios selvagens cairia pelo ridiculo.

—E' certo, e aí tem porque todos agora pretendem cativa-la por tais processos.

—Veja, portanto, se não tenho razão e se não penso bem. Todos os dias estão a surgir novos herois, e novos aviões intentam novos raids, procuram bater novos records, e daqui a pouco no espaço não haverá espaço para um simples papagaio de papel. E compreende-se, porque isto da aviação é uma grande vida. Respira-se bom ar, está-se sempre de alto e metendo-se a gente a uma viajata mais comprida, não lhe digo nada: a gente farta-se de papar banquetes, festas, discursos, homenagens, enche o papinho de recepções, de aclamações, orações, consagrações, mesmo paixões e vê a seus pés delirando varias grosas de senhoras sortidas, incluindo a propria D. Gloria, que nos abrirá por fim os braços, acolhedores e succulentos.

—Sim, com efeito, tudo isso é tentador. Mas o pior é o reverso da medalha. Uma pane, um fracasso e...

—E então? Será a morte, sim, mas a morte gloriosa, a morte com o nosso nome gravado nas paginas da historia, pelo menos a letras de ouro, o que vale hoje um dinheirão.

—Pois sim, tudo isso é muito interessante, mas como querê você meter-

se numa dessas, se não percebe nada do assunto.

—Não é tanto assim...

—De aviação! Mas o que sabe você de aviação?

—Então não estou farto de aviar os freguezes lá na loja...

—Mas não é o bastante para poder aterrar com segurança em qualquer parte...

—Aterror! Ora essa, meu caro amigo, mas quantos tenho eu conseguido aterrar com os preços lá da loja, que são todos elevados, tem todos, como eu proprio, esta grande tendencia para subir...

—Ora, ora...

—Mas tenho um grande auxiliar: o namoro da minha creada, que é mecanico.

—Nesse caso vai você apenas como observador.

—Eu sempre fui muito observador. Lá disso tenho pratica. Levo o mapa, um binoculo, um impermeavel...

—E' talvez melhor um macaco.

—Qual historia! Começava me lá dentro aos pulos e desequilibrava-me o aparelho.

—Falo dum macaco de ganga...

—Desses nunca vi...

—O' homem, destes de vestir.

—Ah! supuz que era destes de saltar.

—Mas você já pensou bem no que vai fazer? Vai, afinal, arriscar a vida, vai talvez sacrificar-se inutilmente pela familia. Sim, deve ponderar bem os prós e os contras. Vamos que ha um desastre, que você desaparece, e a familia ficará ainda pior.



—Qual historia! Eu vou sacrificar-me, arriscar a vida, sim, mas a familia vai tambem toda comigo.

—O que me diz?

—Toda, incluindo a propria cosinheira. Vai tudo. Arranjarei um avião dos grandes,, um avião em estilo camião. E' como lhe digo. Eu arriscar a pele sósinho!! Era melhor! Não senhor, temos todos que fazer pela vidinha. Pois então! Em caso de desastre, ou morrem todos ou ha moralidade.

—Mas você não sabe em que se mete. Calcule o que será uma questão conjugal assim no ar.

—Puro engano, não se ouve nada com o barulho dos motores.

—Mas vai sujeitar a familia a um grande perigo! Isso é uma temeridade!

—Pois aí é que está o valor do meu empreendimento. Isto é que é original. Isto é que ainda ninguem fez, nem conseguiu. Um raid familiar. Conseguir dar a volta ao mundo pelo ar, com o domicilio conjugal completo, incluindo a mulher, a sogra e o papagaio. Vai ser uma coisa sensacional, creia. A familia Pires ficará celebre nos anais da aviação domestica.

—Sem duvida, isso vai interessar o mundo.

—O mundo inteiro e o meu predio, onde os vizinhos se vão morder de inveja, quando nós voltarmos herois, verdadeiros azes...

—O pior é se voltam desazados.

—E nós, os Pires, ficamos com um logar certo na historia.

—Se não se partirem todos pelo caminho; o que será naturalissimo, porque, afinal, você não tem preparação nenhuma para um tal empreendimento.

—Tudo se ha-de arranjar, deixe lá. Rapidamente me preparo. E depois estes raids estão sendo tão frequentes e tão bem sucedidos que já não ha nada a temer. Veja ultimamente aqueles americanos...

—Mas bem vê que esses eram azes e você nesse ponto não passa dum azelhas.

—Pois verá como vou assombrar o mundo.

—Sim, pelo menos pela sua audacia. De resto, estou convencido que você poupará a familia a esses riscos.

—Isso sim, vai tudo; está decidido: a mulher, os pequenos, a creada e o respectivo mecanico. Mesmo os canarios, que irão voando ao lado do aparelho e serão de grande utilidade para me orientarem na 1.ª etape, que é daqui para as Canarias. Eles vão lá direitinhos com certeza e pouparam-me a mim o extenuante trabalho de consultar o mapa.

—Mas seriamente você leva a familia?

—Inteirinha, já lhe disse. Vai tudo. Agora até está em moda levar o gato, e o meu, está claro, não faltará.

AUGUSTO CUNHA

## PESSOA DE SORTE



—Estão um seguro de vida, hein? Com a sorte que tens, com certeza esticas o pernil dentro dum mês!...

## DESGOSTO JUSTIFICADO



—Ahn! Ahn! O mano tem ferias e eu não!...  
—Então porque não tens?  
—Porque ainda não ando na escola!...





## Curiosidades

### A MORTE DAS CEGONHAS

Observou-se que os bandos de cegonhas que, na primavera, regressam aos seus ninhos, na Alsácia, na Holanda e na Alemanha, veem muito reduzidos. Apurou-se que muitas são mortas no Egipto, onde vão passar o inverno. Aí, os habitantes fazem uma guerra encarniçada aos gafanhotos, e destroem-nos, espalhando arsénico nas terras. Ora as cegonhas apreciam muito os gafanhotos e veem a ser vítimas, inúmeras vezes, do veneno que destroem os animais seus preferidos como pe-tisco.

### A DESCOBERTA DO NIQUEL

O níquel foi descoberto em 1751, pelo sueco Cronsted, mas só em 1775, Bergmann conseguiu isolá-lo. Após êle, numerosos sábios estudaram sucessivamente as suas propriedades físicas e químicas, as suas possibilidades de liga e as suas aplicações electro-químicas. Guiado pelas pesquisas de Smée e de Bacquerel, o Dr. Isaac, de Boston, foi o primeiro que conseguiu níquelar os metais. Os processos de níquelagem galvânica começaram a ser divulgados em 1869.

### UMA FORMULA ANTIQUADA

Diz-se que os bispos ingleses, actualmente reunidos em concílio para estudar a revisão do livro de orações anglicano, teem a intenção de modernizar a declaração que faz a mulher na cerimónia do casamento. A futura esposa já não se comprometeria a obedecer ao seu senhor e mestre, e tomaria simplesmente o compromisso que o homem costuma tomar: «de amar e honrar o seu conjuge».

### O VINHO COM MAIS ANOS

Alguns dias antes do último dia de Natal bebeu-se em Bremen uma garrafa de vinho com duzentos anos. Esta notícia a ser dada pelos jornais, e logo a firma Erhmauns, de Londres, a dizer que possuiu nas suas caves, vinhos muito mais velhos, como sejam uns, do Reno, datando de 1540 e 1631. Proveem dum stock de 100.000 garrafas que o rei Luís da Baviera resolveu vender, certa ocasião em que, provando êsse vinho, não lhe achou um sabor especial.

### PRINCESAS CASADOIRAS

Há nada menos de dez princesas já muito em idade de casar e que, pela sua alta categoria, deviam desposar um príncipe herdeiro. São: Ileana, da Romania, 18 anos; Maria José, da Bélgica, 19 anos; Giovanna, de Itália, 20 anos; Luísa, da Holanda, 17 anos; Beatriz, de Espanha, 17 anos; Ilda, de Luxemburgo, 29 anos; Eudóxia, da Bulgária, 28 anos; Fédora, da Dinamarca, 17 anos; Marta, da Suécia, 25 anos; rene, da Grécia, 22 anos.

Eis o rol das princesas para casar.

### O pai dos surdos-mudos

NA Antiguidade, os surdos-mudos eram considerados como uma especie de monstros, para os quais estavam destinados os piores tratos. Muitas vezes mesmo, eram mortos como animais daninhos. Até o seculo VI, enfileiravam entre a pior escumalha social. Os filosofos e sabios aceitavam como um dogma a afirmativa de Santo Agostinho, ao dizer que «os surdos-mudos não teem memoria».

Só na segunda metade do seculo XVI é que um frade beneditino espanhol rompeu com os injustos preconceitos de desprezar esses infelizes, e tentou ministrar-lhes alguma instrução. Esse beneditino, chamado Pedro de Ponce, pensou em ensinar os surdos-mudos a escrever.

Só muito mais tarde houve em França um movimento em favor dos surdos-mudos, movimento tambem iniciado por um religioso, o padre Varrin, que, na segunda metade do seculo XVII, tentou substituir a palavra por gravuras que os surdos-mudos contemplavam. Os resultados obtidos foram muito pouco animadores.

Em 1712, nascia em Versailles o homem a quem os surdos-mudos devem o seu resgate, o homem que fez falar os mudos e ouvir os surdos. Era filho dum architecto do rei, possuidor duma fortuna importante. Fez brilhantes estudos classicos, ingressando depois no seminario de São Sulpicio; no momento de receber ordens menores, hesitou, por não concordar com o preceituado numa recente bula. Tirou então o curso de direito e inscreveu-se como advogado, em Paris. Mas a sua vocação impelia-o de novo para a Igreja. O bispo de Troyes sagrou o padre. Seguiu depois as ideas dos jansenistas de Port-Royal e, por esse motivo, o arcebispo de Paris suspendeu-lhe o exercicio das suas funções religiosas.

Foi então que o acaso lhe fez encontrar duas pequenitas surdas-mudas, discipulas do padre Varrin, que falecera recentemente. Esse encontro decidiu do seu destino; resolveu consagrar-se á instrução das crianças feridas por tal calamidade. Para não sofrer perseguições, retractou-se das suas ideas jansenistas.

O Padre de L'Epée—que assim se chamava esse benemerito—principiou então a procurar crianças surdas-mudas, principalmente entre as classes pobres. De seu pai herdara 12.000 francos de rendimento—o que era bastante, para a epoca—e uma casa bastante ampla, na rua «Butte-aux-Moulins», perto da igreja Saint-Roch. Aí abriu a sua escola, absolutamente gratuita. Começou, em 1771, com vinte alumnos; dez anos depois, tinha cem. O seu método foi-se apurando, de dia para dia. Começou pela linguagem labial, fazendo compreender as palavras pelo movimento dos labios, e continuou pelos sinais feitos com os dedos. Os resultados foram bastante satisfatorios.

O padre de L'Epée, ensinando os seus alumnos, chegou a ter suas duvidas sobre a dogmatica afirmação de Santo Agostinho, a respeito de os surdos não terem memoria. Pareceu-lhe que era uma idéa falsa e fez uma experiencia concludente. Levou as crianças ao palacio de Versailles, fê-las ver tudo, e, de regresso a Paris, perguntou-lhes, por sinais, o que tinham visto. Lembravam-se de tudo.

Esta descoberta teve notaveis consequências de ordem pratica, porque, podendo os surdos-mudos recordar e repetir os gestos que lhes ensinavam, já era possivel ganharem a sua vida, exercendo um officio, como o de pedreiro, carpinteiro, pintor, encadernador, etc.

Em 1780, o método do padre de L'Epée estava triunfante. Discipulos seus abriram varias escolas, na provincia. Padres estrangeiros frequentaram os seus cursos e foram fundar escolas em Espanha, na Suíça, na Holanda e na Austria. Quando o imperador da Austria José II, irmão de Maria Antonieta, visitou a França, incognito, quis assistir a uma classe do padre de L'Epée. Durante duas horas fez varias perguntas ás crianças, que tudo comprehendiam pelo mover dos labios, e respondiam pelos sinais com os dedos. Ofereceu ao padre de L'Epée nma quantia importantissima e varias honras, se quizesse instalar-se em Viena e aí criar uma escola de surdos-mudos.

A proposta não foi aceite, porque o bondoso homem não tinha alma para deixar os seus discipulos. Ficou combinado que o imperador mandaria um padre instruir-se com o filantropo francês. Foi por intermedio desse enviado de José II que, um pouco mais tarde, o método do padre de L'Epée se espalhou pela Alemanha, Dinamarca, Holanda, Suécia, Russia e Estados Unidos.

Catarina II da Russia, a grande Catarina, tambem mandou um emissario para resolver de L'Epée a ir á Russia, convite que tambem não foi aceite.

Entretanto, os recursos do bondoso padre iam escasseando e a instituição, para não se extinguir, necessitou do auxilio official, que foi apenas de um quarto da quantia precisa. Durante o terrivel inverno de 1788, quando as aguas do Sena se converteram num muito espesso lençol de gelo, de L'Epée sofreu as maiores privações, para arranjar lenha para os seus alumnos se aquecerem. Em 1789, sustentava-se apenas do que ganhava por dizer missa, todos os dias na igreja de Saint-Roch. A 23 de Dezembro de 1789, com setenta e sete anos restituía a Deus a sua alma virginal, depois de ouvir uma deputação da Assembléa Nacional assegurar-lhe que a patria adoptaria os seus discipulos.

No Instituto de Surdos-Mudos, de Paris, há uma bela estatua do padre de L'Epée, inaugurada em 1879, representando o grande benemerito e um dos seus pequenos discipulos. Em três baixos relevos que ornamentam o pedestal reproduzem-se três scenas da sua vida exemplar: o padre de L'Epée rodeado dum grupo de surdos-mudos, acompanhados pelas mães; José II, imperador da Austria, visitando a sua escola e convidando-o a ir para Viena; o padre de

### A ANTIGUIDADE DO PÃO

Uma recente estatística prova que o consumo de pão tende a aumentar consideravelmente, no mundo. Na A'sia, até há pouco, o consumo era pequeno, mas já há alguns anos que na China e na India começam a substituir o arroz por o pão. E' por essa razão que os preços da farinha se tornaram cada vez mais elevados. E quando, como no ano passado, o consumo aumenta e a colheita de trigo é pequena, não admira que o pão se torne quasi um artigo de luxo.

O pão é talvez o alimento de mais remoto consumo. Na cidade da pedra polida e na do bronze, já se fazia um pão ordinário, com grãos esmagados de milho, trigo e cevada. Os nossos longínquos antepassados coziam o seu pão debaixo de cinza, estendendo a massa sobre pedras fortemente aquecidas. E' esse processo rudimentar e ainda hoje empregado por certas tribus africanas.

### A T. S. F. E AS CRIANÇAS ABANDONADAS

No decurso duma recente festa de aviação, em Vincennes, muitas crianças perderam-se na multidão, separando-se das familias. Imediatamente foram colocadas sobre um estrado, ao passo que a telegrafia sem fios, começando a funcionar, espalhava, por todo o recinto, o nome e o aspecto das crianças, cujas familias logo se tranquilisavam.

### O AVIÃO-TAXI

Acaba de ser lançada, na Alemanha, a moda do avião-taxi. Viaja em qualquer direcção, sempre com a mesma tarifa: 1 marco e 35 pfennigs por quilometro. E' possivel que, em breve, se forme, na Alemanha, a Sociedade de Socorros Mutuos dos passageiros de avião-taxi...

### PRECOCIDADE DESPORTIVA

Em Saint Quentin ha um menino de vinte oito meses, chamado Jacques Caplier, que já guia muito bem, e completamente só, um pequeno automovel 2 H. P., que seu pai lhe construiu.

L'Epée sofrendo frio, num quarto sem conforto, para que aos seus alumnos não faltasse o combustivel necessario para se aquecerem.



## Singer

### Ultimos

### Inventos

MAQUINAS ELECTRICAS PARA COSTURA, MOTORES ELECTRICOS DE FACIL APLICACAO A TODAS AS MAQUINAS

EM LISBOA:

59, Praça dos Restauradores, 61 e em todas as filiais e agentes.

# LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING



O DOMINGO  
ilustrado



# TEATROS

CARTAS DE UM COMEDIANTE

## As Maravilhas do Século XX

A SOLUÇÃO DA CRISE. VAE HAVER FALTA DE ARTISTAS. A INUTILIDADE DOS «BREVETS». E O MAIS QUE ADRANTE SE VERÁ.

Constituiu-se em França a sociedade mais «seculo vinte» possível: «A Associação Profissional dos artistas radiofónicos».

Maurice Landeau, o presidente nomeado, tem sob a sua orientação toda uma grande companhia composta de cantores lyricos, actores dramáticos, declamadores, conferencistas, interpretes e músicos, livre das peias que dificultam a profissão no «boulevard».

Esta nova modalidade escapou á previsão dos argutos legisladores—os que elaboraram os estatutos para o teatro—e vem destruir os sonhos dos guardiões da Arte, entre scenários de papel, á porta dos vetustos edificios onde se representa com licença superior.

O tempo prega cada partida!... Já não bastava o advento do cinema e o do recital e da demonstração scenica simplificada. Temos agora o da radiofonia.

E que de vantagens para os artistas radiofónicos... O palco, um recinto provido de aparelhos receptadores para as transmissões, é um vasto salão confortavel. O artista pode ter o texto em frente, e estão salvos os que não ouvem o ponto...

A plateia, invisivel—á milhares de kilometros de distancia—uma delicia... excepto para as «estrelas» que se comovem com as palmas da «cacque» e que estão habituadas ás «corbelles» dos admiradores.

Instituíram-se as licenças, «brevets» de técnico da arte de representar, porque havia actores á mais e era preciso opôr barreiras quasi intransponiveis aos novos, que afinal são sempre aqueles que mais amam o Teatro e melhor o servem... E para quê?... O espaço é tão grande!...

Os actores sem occupação ou sem contracto, ou antes, sem contracto, e, consequentemente, sem occupação, que veem as horas escorrer minuto a minuto, gota a gota, lentamente, tristemente, encostados ás mezas dos cafés, a engolfar-se no sombrio e lugubre pensamento de que «a vida acaba amanhã, de que há poucos teatros, poucas companhias e poucos empregarios que paguem, bem podem respirar com desaffogo.

Acabaram-se os negregados temôres. Vae haver teatro nos novos paquetes da Navegação e da Insulana (quando eles se fizerem) nos Junkers portugueses, quando eles se comprarem.

O artista viajará. O que enjoar, pode filiar-se ao «Gremio dos Artistas Radiofónicos Portuguezes»... associação que também se vae fazer por cá... E' apenas questão de tempo. Indispensavel apenas um tudo nada de resistencia fisica e moral, enquanto esperam...

CARLOS ABREU

### Chiado Terrasse

O cinema da parte alta da cidade. O velho «Terrasse» rearranjado de novo. O pai dos cinemas lisboetas. Ótimos filmes, sempre variados e para todos os padrões de publico. As grandes produções de aventura. Preços em concorrência. Amplissima e elegante sala.

### S. Luiz Politeama Trindade Avenida Apolo Eden Varieda-Salão Foz des

Actualmente: «A Lagar» com Auzenda d'Oliveira.  
A mais bela sala de espectaculos de arte moderna. Uma companhia esplendida com os nomes de Nascimento Fernandes Rafael Marques e Conchita Ulla, grande estrela de «varietés». Actualmente, a peça cheta de verve: «Joaquim».

# A postos, os nossos «detectives» cá por dentro

Conhece o leitor o «Duque X»?

UM FILM AO VIVO, EM PLENO DIA

NÃO se trata de uma novela de Reynaldo Ferreira, descance o leitor... Tampouco é reclame a qualquer historia romanesca do «Domingo Ilustrado».

O «Duque X» é um mistério. Mas o «Duque X» existe, viram-no, falaram-lhe... Onde habita? Não se sabe. De onde veio? Ignora-se em absoluto. Quem é?... Mistério insondavel.

Tratar-se-há de alguma mistificação?... E' possível. Relatemos os pormenores romanescos que rodearam a presença em Lisboa do «Duque X» e que são um fio de meada para os nossos «detectives».

Ante-hontem um hespanhol, modesta apparencia, procurou no Salão Foz o empregario Artur Emauz. Vinha propôr-lhe um contracto sensacional. Tinha chegado de manhã, parece que de Hespanha, nm duque russo, fugido aos bolcheviques na melhor das hypotheses. Estava sem recursos. Precitava de dinheiro. Oferecia-se para cantar no Foz algumas noites. Baritono ou tenor?... Também não podia explicar o homensinho. Sabia apenas que o duque se propunha a cantar em russo, alemão, italiano, francez e hespanhol.

Mas o empregario Artur Emauz não podia contractar assim um artista que não conhecia. Referencias, criticas, cartazes, programas de outros teatros, não os possuia o «senhor duque».

O empregario, deante da urgencia que o hespanhol impunha, ficou de resolver o caso á noite. Mas exigia, por sua vez, uma audição prévia.

O hespanhol sahio, dizendo que o «duque X» se apresentaria ás seis e meia da tarde quando findasse a «matinée»...

A' hora marcada, apeou-se dum automovel um homem loiro, estatura mediana, vestindo uma gabardine exquisita, boina em lugar de chapéu. O rosto, encoberto por uma máscara.

Desceu precipitado e seguiu o hespanhol, que ia na frente, açodado; á procura do empregario, para lhe dizer que o «duque X» exigia que ninguém lhe falasse, e que nem sequer se aproximassem dele.

O homem da máscara estava nervosissimo, apesar da tranquillidade que procurava alcançar.

Os musicos esperavam as ordens de Artur Emauz para o ensaio. Mas o «duque X» mandou dizer que não precisava da orquestra e que se afastassem. Que se acompanhava a si proprio...

E daí a pouco, sentou-se ao piano e cantou com voz maravilhosa o «Arioso» dos «Palhaços». Cantou ainda um trecho hespanhol, evidenciando boa escola, se bem que a pronuncia não fosse das mais puras. Depois, «La donna e mobile».

O empregario, saindo do torpor em que o mergulhava aquele misterio, prontificou-se a contratar o sr. «duque X». Mas que o hespanhol viesse á noite, por causa das duvidas...

O «duque X»—sempre mascarado—tomou o automovel, que o esperava á porta. Batida a portinhola, o auto seguiu em disparada pela rua da Gloria.

O empreza io—desconfiado—já tinha ordenado que alguém seguisse, num outro auto, o misterioso personagem. Mas tantas voltas deu o automovel do «duque» que não foi possível ir na sua esteira. Perdeu-se para os lados da Rotunda... e até hoje nada mais se soube do «mascarado».

Um nosso reporter poz-se em campo. Correu os principais hotéis. Em nenhum deles se encontra o «duque X».

Procurou o esparhol, na Chic. Este diz que o «duque» chegara de manhã com uma carta de um amigo seu de Madrid, a apresenta-lo. Mas a carta, queimara-a, por determinação expressa do «duque». Não cre que se trata de algum compatriota seu, pois que ele se exprime muito mal em hespanhol. O homensinho também está intrigado com o caso, pois o «duque» nem quiz tirar a máscara, quando o procurou em sua casa, e proibiu-lhe terminantemente que o seguisse.

O contracto não se efectuou, primeiro porque o mascarado não appareceu, e mesmo por que o empregario tem os seus receios...

A postos, os nossos «detectives»: Quem é o «duque X»?...

«Caracol da Graça» é o título de uma nova opereta que está sendo escrita pelo poeta Silva Tavares, a pedido da empreza do Teatro Apolo.

—O actor José David desligou-se do elenco do Maria Victoria. Recusaram-lhe um papel a que tinha legitimo direito, pois que o auctor lho destinara. Foi contratado para o seu logar, o actor Antonio Gomes (da Trindade).

—Noticias do Norte dizem nos do exito imenso que está fazendo Ilda Stchini com a sua companhia. Um dos artistas mais festejados tem sido Luz Veloso, um nome do teatro portuguez e uma reminiscencia dos bons tempos de Rosas e Brazão. Luz Veloso tem conquistado muitos louros com a sua soberba criação da «Avó Cereja» da peça «Lourdes».

—«Cosido á portuguesa», successão de quadros recheiados da verve esplendida de Lino Ferreira e dos seus companheiros, marca o arrojado de um empregario.

Gastaram-se duas centenas de contos na montagem da aparatosa revista fantasia. Nos tempos que vão correndo, é alguma coisa.

—Clemente Pinto vae gozar umas férias para Molêdo do Minho. Em Setembro organizará companhia com Palmira Bastos.

### Verbena e diversão tauromaquica

No elegante «tentadero» e nos maravilhosos jardins do Palacio Fronteira, a Bemfica, realizar-se-ão no proximo dia 9 uma festa tauromaquica e uma «verbena», pela alta sociedade portugueza, á semelhança das que se fizeram no ano passado, e também a favor do Lactario de N. S. do Amparo de Bemfica, de que ficaram as mais belas recordações.

A comissão organizadora conta 21 das mais nobres e distinctas patricias, bem como a senhora ministra da Alemanha.

O Palacio Fronteira pertence aos illustres Condes da Torre que primam sempre pela mais fidalga das hospitalidades.

### Olimpia

Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portugueza e um dos industriais mais categorizados. Filmas de primeira escolha. As grandes produções europeias e americanas. Ultimamente grandes transformações na sala e dependencias de formas a torná-la a preferida do publico.

Companhia Maria Matos Mendonça de Carvalho, dos grandes nomes na arte dramática; um formidavel repertorio de comedia, farças e dramas. Exitos, «tournees» triunfais a attestarem o grande merito neste conjunto. Teatro elegante de Parque Mayer. Actualmente «O Topa a Tudo» e o Conde de Blantier em fim de Festa.

Ramiro Pinto & C.  
146, R. AUGUSTA, 148  
TELEF. C. 1646-LISBOA  
BANHEIRAS, ESQUENTADORES E ARTIGOS SANITARIOS  
CANDIEIROS EM TODOS OS ESTILOS

# LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING



Foi uma crise aguda de romances.

Um vizinho meu comprara-os no Porto, em segunda mão. Conlevent, Ardel... Tinham-no tentado as encadernações vistosas, notórias garantias de moralidade, os preços, decerto convidativos. Emprestou-me o primeiro, e foram todos, pelo menos dez, num impeto.

la devora-los para a Meia-Laranja como uma fera para o covil. Alcandorada a meia-encosta, abrindo ao nascente uma ferradura escavada em granito, a Meia-Laranja oferece pela tarde recatos de zumbidora penumbra. Já cresceram giestas, no rebordo do terraço, velando fronteiros socalcos de vinhêdo; quem se fôr assentar no grosso degrau encostado ao espaldar de rocha tem adiante essa franja adolescente de giestal; e á direita, e á esquerda, arredada pelos muros para a beirinha do precipício em embrião, a verêda que logo se recurva e esconde, baixando a um lado para o caminho da Fonte, subindo, pelo outro, para a Vinha das Colmeias.

Era sempre ali, por ser de pouco transito aquele desvão da quinta, que eu ia estraçalhar a minha preza. O cavalho prégador, que, logo á esquerda, gesticula ao vale de sobre o penedo seu pulpito, gargalhava de leve ao impulso de bafo que eu sentia; e de vez em quando, animava-se de contendas chilreadas a que uma fuga de azas punha cobro. Do lameiro, ao fundo, e do caminho da Dofreira, em cima, chegavam rumorejos de vozes, espaçados. Era o silencio. E eu lia.

Heroínas orgulhosas, timidas, sofredoras, voluveis, arrependidas, entregavam-se ante a minha absorção a amores tremulos, catolicos, infelizes, coroados de ventura. Homens fortes, fracos, serios, rudes, distintos, amavam-nas, traíam-nas, recuperavam-nas, entristeciam-nas, eram amados, eram homens, viviam. E tudo assumia na quietude da tarde uma verosimilhança compacta, coada por aquele falar inconfundível de tradução.

Nessa tarde de domingo estava calor, e eu acabava o ultimo romance; lá em baixo, coadas pelas giestas, as flamulas do milho adejavam com um verde mais doce. O Joaquim estaria a bebericar na venda, já de olho esquerdo muito franzido e brilhante. Pelo caminho da Dofreira ninguem tinha nada que fazer. As personagens falavam alto; o silencio, em torno, era menor.

Todos eles, todas elas, viram avançar um vulto desconhecido, que era o amor. Fabricantes, fidalguinhas, burguezas, militares, ouviram passos no saibro de caminhos que a eles levavam. Tinham fugido. Tinham voltado. Tinham sentido, certo dia, uma presença alheia no seu isolamento. Tinham obedecido a uma vontade que era deles, e não era só deles. E infelizmente, até essa hora que soara um dia, tinham vivido num desvão da vida, num recolhimento de alma só quebrado por esses passos que a eles foram, noutra Meia-Laranja que não era mais acessível nem mais bela do que a minha.

## a desconhecida

*Um final imprevisto, dum realismo desapiedado, numa bela pagina de lirismo, descrita pela pena subtilmente ironica de Tomaz Ribeiro Colaço.*

Quem sabe—entrei de pensar... — um dia, tambem eu hei-de ouvir esses passos. Hei-de ve-la. Ha-de olhar-me; será volutuosa e meiga. Hei-de fugir. Hei-de voltar. Impor-me-ha o jogo soberano da sua vontade, na sua submissão. Saberá entender e partilhar o cuidado que se distribui pela ternura de um soneto e pela viridencia de um batatal. Sem sorrir, enlaçará comigo cada tronco de arvore, para ensinar á



*Nessa tarde de domingo estava calor, e eu acabava o ultimo romance;*

seiva a frescura de amor que na minha solidão não aprende. Debruçar-se-ha tambem sobre cada videira, entendendo em cada cacho uma volupia prometida, em cada folha de parra a sugestão de uma nudez perturbadora e forte; ha-de trilhar os caminhos que eu caminho, bem feita de corpo, e com meias de seda; ha de vir, e será muito, e será tudo; devo dois mezes ao merceiro; mas se ela me não estender, candidamente, na mão, os escudos com que o pague, ha-de entender-me arrebatadamente, nos belços, os beijos com que o esqueça...

O Sonho... Dez romances. Conlevent, Delly... Domingo á tarde. Calor. Todas as hipertrofias de um devaneio em ebulição, onde a razão tambem lançava para a fogueira mil trivialidades de cada hora. Uma aspiração que explodia, num subito exagêro quasi convulso. A super-sublimidade, e a vida. O sonho vasto, e o pormenor pequenissimo. Ver-me, na estrada, a deslumbrar-la quando passasse no seu Rolls, ou a pé, (cuido que só não encarei o *char-à-bancs*; e paralelamente, cogitar na necessidade de mandar virar o fato azul, para mais seguramente a perturbar. O ideal,—porque era uma pirotecnica de *Ideal*—ganhando essa feição vegetalissima da Beleza, onde a pujança do verde, a opulencia da maturação,

o aroma, andam tão estreitamente unidos á abundancia do estrume.

Ela viria, a minha Desconhecida! Porque eu era o tronco, a pedra, o tanque, uma parte daquele todo em que me fundia; e ela seria a hera que me definhasse enlaçando-me, o musgo que me envelhecesse recobrimdo-me, a rã que me sulcasse, de olhos misteriosos e glaucos...

Na acuidade plenamente lucida da minha visão, impregnava-me da tarde, que principiava a descer; vivia a passividade tumultuosa de sete palmos de terra, que por milagre eram carne; raizes que se alongam, antenas que se cruzam, verduras que germinam, polen de corolas que estremecem, a doba-doira incessante, o fremito invisível que lateja pelas veias da terra, sempre minada de anseios que se combatem, e de órgãos que se procuram...

De repente, senti barulho, do lado da fonte. Passos? Eram passos. Ouvir-se iam de longe as tairocas dominicais dos caseiros... Não eram caseiros. Visitas? Não viriam assim, sem ruido e anuncio. E ladrões... para quê?

A obesidade do muro, a curva do caminho, só a três metros me deixariam ver quem viesse. E se fosse... Ela? Traria talvez um pretexto:—versos para um programa, ver a quinta,



*... e queirava-se pela quinta abaixo, a um delicioso refoçar.*

um album... Senti, nas heras, uns brandos repêdes. Impaciencia? Uma idi-

lica recordação colhida no caminho? Que tolice! Podia lá ser—Ela—.

Vinha evidentemente satisfeita. A berdade sabia-lhe bem. Quando a comprei, berrou da feira até ao pateo, em dó maior; comeu pouco nos três primeiros dias; ao quarto, começou a aclimatar-se; depois passou a muda sem novidade, e desatou a crescer. Pagou-se três vezes com a primeira ninhada, de oito leitõesinhos cõr de rosa. No fundo, eu era-lhe grato.

A maioridade, talvez o amor, tinham-lhe porém ensinado mafeitoras agucias.

Se sentia a gente desprevenida, corria a cravelha da porta com a rodela humida do fochino, e esgueirava-se, pela quinta abaixo, a um deleitoso refoçar. Os rebentinhos novos das couves saloias, tudo o que era saboroso e tenro, caía de uma trincadela glutona, dada sem parar, num tregeito vivo da cabeçorra, num bambolear imperioso das orelheiras.

Quando o Joaquim, que nunca ouviu falar em Atila, a perseguia com saraivadas de pragas e de tamancos, ela usava estrategias formidaveis; e não recolhia sem alargar uma vista de dentes, rapida que fosse, pelos cantinhos prediletos.

Estacou, ao dar com os olhos em mim; parou de tasquinhar uns farrapos de verdura, e roncou. Ergui-me. Virou de bordo. Só depois de calcular, ofegante, todos os meandros que ela quiz, deixou que eu a reconduzisse. Entrou no pateo a bambolear-se, sara-coteou as orelhas, deu um tregeito impaciencado ao saca-rolhas, e tornou a roncar.

Achei-me ao fundo da escada, onde encontrei o livro ainda apertado na minha mão. O efemero sonho reergueu-me um instante, todo amachuçado do desenlace. A Desconhecida... Como se existissem Desconhecidas... Quiz mergulhar logo na Santa leitura de coisas agricolas, onde as receitas são tão excelentes para agricultores milionarios. Mas sentia vagamente, dentro da alma, um marulhar de scepticismo... Desatei a odiar toda a ficção, a pensar em camponias de seio alto, a descrever, numa desconfiança torva, de todos os cotovelos dos caminhos.

Foi nesse dia, foi nessa tarde carlosa e primaveril, que a minha velhice subtilmente principiou.

Na feira seguinte,—por uma birra estúpida de desafrontar... nem sei o quê,—vendi a porca.

TOMAZ RIBEIRO COLAÇO

Parada de Gonta-Junho 1927.

Serafim & Lopes, I.<sup>da</sup>

Ferragens e Ferramentas

Louças de ferro esmaltado e estanhado e Alumínio. Bigornas, Cavaletes, Sifras, Tornos e Engenhos de furar. Foles.

R. de S. Paulo, 43 a 47

T. dos Remolares, 50 e 52

Telefone C. 844 — LISBOA



## A casa de hospedes de Santa Justa

ou a influencia duma espanhola no espirito dum bombeiro voluntario.

A nossa Lisboa, aparentemente pacata e mesquinha, simplória e banal, tem aspectos curiosissimos que muita gente desconhece. Dos seus cronistas mais notáveis, foram incontestavelmente Julio Cesar Machado e Gervasio os que melhor a estudaram, criando uma galeria de tipos que ainda hoje fazem a nossa delicia, por terem sido arrancados á vida, palpitanes de verdade e encharcados de ridiculo.

Pena é, porém, que ainda ninguem se tenha lembrado de escrever um volume sobre um dos seus aspectos mais interessantes — as casas de hospedes.

Quem, como eu, teve de andar durante muitos anos por essas casas, decerto verificou que elas constituem um fião inextinguível, ainda por explorar. Dos muitos casos que conheço, por d'elles ter sido testemunha, destaco um, que dava uma comedia notável, lamentando não possuir o espirito necessário para o contar com a graça que merece. Aí por 1908 ou 1909 — já não me recordo bem — comia eu numa pensão da travessa de Santa Justa, de camaradagem com vários caixeiros, empregados de escritorio, duas ou três raparigas de teatro e alguns estudantes.

A pensão não era melhor nem pior do que as outras — o mesmo bife ao almoço, o mesmo bacalhau guisado ao jantar, meses e meses de volta da mesma sopa, sem a menor esperanza duma melhoria.

A gente já nem protestava. Aquilo era em toda a parte assim, e assim continuaria a ser eternamente.

Era dono da pensão um individuo forte, de apelido Almeida, casado com uma senhora gorda, que sofria de afrontamentos e nos dizia ser filha

para galgar uma escada até á altura dum 3.º andar. Aquele espirito de sacrificio enternecia-a. Vê lo aprestado para o bom combate ou para a exhibição das formaturas e das paradas, era para ela, que na contemplação e no respeito da farda se formára, a maior das satisfações.

O Almeida fazia lhe a vontade. Uns domingos por outros, logo depois do almoço, vestia a sua farda e ia com a sua cara-metade dar um giro pelos arredores, ás matinées do Coliseu ou ao Aquario de Algés, regressando á hora do jantar, consolados e felizes.

A dedicação do Almeida pela corporação a que pertencia atingira as proporções duma verdadeira paixão, a tal ponto que os negocios do armazem se resentiam um pouco do seu abandono. Mas outra paixão maior veio absorver aquela. Não se sabe como, o Almeida viu-se um dia enrolado com uma espanhola de boa pinta, criatura de boas carnes, salerosa e ardente, tipo de ventarola e de cartaz e com

um tão estranho requinte de sedução, que o pobre homem perdeu inteiramente a cabeça, nada mais vendo do que a sua Paqueta de seios fartos e de boca volutuosa e rasgada.

Assim é que lhe pôs casa e uma criada ao seu serviço, aproveitando todos os momentos para ir vê-la, de fugida e com o recato indispensavel, não fosse a mulher descobrir aqueles amores e inutilisar-lhe o arranjinho.

E o poder de absorção daquela criatura era tal, que, quando sucedia á hora do almoço ou do jantar ouvir-se, atravez das ruas da Baixa a buzina dos bombeiros, logo o Almeida, que nesse instante nos servia, abandonava os pratos ou a berrina sobre a primeira mesa que encontrava e desaparecia, descendo as escadas a quatro e quatro.

A esposa comovia-se. Lá ia ele sacrificar-se, arriscar a vida, dar-se todo sem hesitações em beneficio da humanidade. Todos nós supunhamos isso tambem, de começo. Mas viemos a saber depois que o Almeida, finorio aproveitava os incendios para ir dar algumas beijocas na Paqueta, enquanto o predio ardia á vontade, abandonado pelo seu saber e pelo seu heroismo.

Ora, tudo isto custava, é claro, muito

dinheiro. A espanhola não se contentava com dois patacos, explorando até o ultimo ceitil a paixão que despertára. Evidentemente, quem pagava tudo isso eramos nós. Os almoços e os jantares começaram a ser ainda piores do que até ali, notando-se de quando em quando sérios embaraços para nos darem de comer. O numero de hospedes ia sendo cada vez mais reduzido.



... viu-se um dia enrolado com uma hespanhola de boa pinta, criatura de boas carnes ...

Só o Almeida, para evitar as suspeitas ou as recriminações da mulher, se vestia mais amiudadas vezes de bombeiro, com o capacete ao alcance da mão, como se esperasse a todo o momento um sinistro pavoroso e dominador.

Atirada para este declive, a pensão foi de mal a pior, até o dia em que a Paqueta, farta de aturar o amante, bateu as azas com um caixeiro de praça para sitio desconhecido, deixando o pobre Almeida desolado por tamanha e tão negra ingratidão.

Mas o mal estava feito. A situação financeira do dono da pensão era tragica. Crivado de dívidas, ameaçado de ir parar á cadeia, impotente para vencer as dificuldades que o assediavam e perseguíam, como um bando de feras á solta, o Almeida vira a sua existencia transformar-se num verdadeiro inferno. Só uma coisa lhe ficára do passado — o amor á corporação, agora mais vivo do que nunca, pelo abandono a que fôra votado por aquela ingrata a quem tanto quis. Isso, porém, não servia de remedio ao mal que o assaltava. Surgiram as primeiras ameaças, bateram-lhe á porta os primeiros beaguins. E a dolorosa epopeia só terminou, quando ele, apavorado com os perigos que corria, vendo imminente a sua prisão, sem recursos de nenhuma especie para valer á situação criada, lançou fogo á casa, que tinha no seguro, pondo assim um remate precioso á sua brilhante carreira de bombeiro voluntario.

Foi esta, segundo creio, a unica vez, fôra do periodo em que esteve enfeudado á Paqueta, que não acudiu a um incendio.

MARIO SALGUEIRO



... depois do almoço, vestia a sua farda e ia com a sua cara-metade dar um giro pelos arredores. . .

dum coronel de caçadores, muito da intimidade do senhor rei D. Luís I. O Almeida tinha, além da casa de hospedes, um pequeno armazem que lhe dava um certo rendimento, e era bombeiro voluntario. A mulher orgulhava-se desta ultima qualidade do marido, a ponto de colocar o retrato d'ele em todas as dependencias da casa, sempre fardado e em atitudes quasi sempre heroicas — segurando uma mangueira, salvando uma criança ou preparando-se

## Walsa ou "Jazz?"

### Johann Strauss vem a Lisboa

O «rei da valsa», o celebre Johann Strauss, que está fazendo, em triunfo, uma «tournée» pelas principais cidades da Europa, vem brevemente a Lisboa.

Exibir-se há numa serie de concertos, regendo uma orquestra formada pelos nossos primeiros professores.

A «tournée» de Strauss não é uma vulgar digressão artistica. Tem um fim bem mais elevado e bem mais simpatico do que a «mira nos ganhos que lhe poderia proporcionar o publico...»

A missão de Strauss é a repulsa da aristocratica Viena pelo estrebuchar selvagem do «charleston» oriundo de New-York, de Boston, de Baltimore...

... A melodia e a harmonia contra o ritmo sincopado do «jazz».

Strauss afirmou que a valsa, a suave e nobre valsa diluirá o martelamento do «jazz» até ao completo aniquilamento.

É uma verdadeira batalha que se está a travar. Em Viena, Berlim e Londres impera hoje a valsa nos «dancings».

Resurge a valsa, com encantos novos...

... Strauss e outros estão a operar o seu renascimento, com o aplauso dos velhos compositores.

Johann Strauss vem a Lisboa dirigir concertos. Mas vem, muito principalmente, lançar o seu protesto neste cantinho do «ocidente contra o «jazz» infernal e selvático.



VARIA

MOINHO DE PACIENCIA

CAS PALAVRUCRUCADAS  
passatempo da moda

N.º 6  
5.ª SÉRIE

SECÇÃO CHARADISTICA  
SOB A DIRECÇÃO DE  
JOSÉ D'OLIVEIRA COSME  
DR. FANTASMA

3  
JULHO  
1927

Apuramento do n.º 12 (4.ª SÉRIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

VISCONDE DA RELVA

N.º 7 8 Votos

- N.º 1, de EURISTO . . . . . 1 voto  
N.º 3, de BAGULHO . . . . . 1  
N.º 5, de VIRIATO SIMÕES . . . . . 1

DECIFRAÇÕES

QUADRO DE HONRA

AFRICANO, BICHO KNHOTO, ID. GALENO, DROPE, D. SIMPATICO, EURISTO, HOPE, DITE, LILI, MAMEGO

Com 7 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

FRANGERQUE (5)

OUTROS DECIFRADORES

JAMENGAL, REIROBI, RENANDOP (3)

DECIFRADORES

1—Vislôsa, 2—alma, 3—Queluz, 4—acerca, 5—U. lida-  
dor, 6—mata-flores, 7—AJOVIADO.

PRODUÇÕES MENOS DECIFRADAS

N.ºs 5 e 6, de VIRIATO SIMÕES e DR. GRYFFO, com 10 decifradores cada uma.

DEDICATORIAS

BICHO KNHOTO decifrou a charada que VISCONDE DA RELVA lhe dedicou.

Charada em homenagem a

MISS PORTUGAL

As tres produções publicadas sem assinatura, pertencem, pela sua ordem numerica a Euristo, Jamengal, e Bagulho. A classificação, feita pela illustre escritora Ex.ª Sr.ª D. Tereza Leitão de Barros, foi a seguinte: em primeiro lugar, n.º 1, de Euristo; em segundo, n.º 2, de Bagulho; em terceiro, n.º 2, de Jamengal. Pelos dois ultimos classificados, foi entregue ao primeiro um lindo objecto de arte. Parabens ao vencedor.

CHARADAS EM VERSO

Ao illustre confrade Auledo

1 Se nesta Vida todos fossem bons,—  
Se o odio cego que fervilha em nós  
Tornando o homem traicoeiro, atros,  
Morresse em nosso peito; se outros dons

Mais puros que a malicia e a falsidade—  
Avassalasses o pensar humano;  
Se os ricos vissem que é redondo engano  
Possuir ouro ter e felicidade

Enquanto os pobres, a fazer com fome,  
Perecem breve, maldizem o Mundo;  
Se até aquele que pedindo, imundo,—  
A caridade o negro pão que come

Olhasse atrás, aos tempos mais remotos  
E visse o gran de perdicão moral;  
Se enfim, na Vida ninguém visse o mal;  
Eu tinha agora mais de trinta votos...

Lisboa JAMENGAL

A todos os colegas que me dedicaram as suas produções

2 Ser pobre! Que amargura! Que maçada!  
Levar a vida inteira, desgraçada,

Na dependencia reles e submissa  
De trabalhar, numa labuta insua,  
Para dar, toda a feria duma semana,  
Ao padeiro e á mulher da hortaliça...  
No fim do mez é certo, e já seguro,  
E' a renda da casa—grande apuro!—  
Ou rigo ou vou p'ra rua, sem dar pio...  
Lá vão p'ra o «prego», em misera odisseia,  
O relógio e a corrente... u na «cadeia»  
Que, de bom grado, dava ao senhorio...  
De vez em quando, um grito de energia—  
Sal-me do peito, cheia de alegria:  
—«Hel-de ser rico! Assim não é viver!...  
Responde a minha segra:—«Isso era um figo!»  
«Como quere você, meu caro «amigo»,  
«Chamando se «Manel», «Henrique ser?»...

Lisboa DR. FANTASMA

Respondendo ao Camarão

3 Entro na luta renhida,  
Com luvias de cinco onças.  
E se tem amor á vida  
Não faça mais gergonças.

Eu não ataca á pedrada  
Porque tenho o punho forte;  
Basta uma «esquerda» bem dada  
P'ra pô lo perto da morte...

Agora, confrade amigo,—  
«Filho do Gardio», t. lvez,—  
Não fique meu inimigo  
Com a lição desta vez.

E, de hoje para o futuro,  
Como não sou seu visinho,  
Deixe o «box» no escuro  
E faça-se com apuro,  
Um mal «famoso advinho».

Dafundo D. SIMPATICO

CHARADAS EM FRASE

A Rei-Fera

4 Por ter ganho uma pequena «importancia» no jogo,  
já dizem que tenho muita sorte.—1—2

Lisboa AFRICANO

5 Se V. «ameaça» com uma lamina metalica, não  
passa duma pessoa baliçosa.—2—2

Cascais ANELE

6 O amor é o mais nobre, o mais justo sentimento  
que provem da alma.—1—3

Lisboa BAGULHO

7 Compra as ordens que recebeste e não tenhas pena  
de ter satisfeito o meu pedido.—3—1

Colmbra FRANGERQUE

7 O «pelice» daquela banda ficou esburgado.—3—1

Lisboa K. VALETE

9 Não é por me faltar a «medida» nem por tanta  
esquisitice, que eu perco a mania de fazer versos.—2—3

Lisboa MINDOBOS

10 Fecha o armario e não tenhas pena de o ver car-  
rado.—2—1

Lisboa SATURNO

CORREIO

CAMARÃO.—Queira dizer-me onde se verificam os  
concelhos do seu logogrifo safocante.

K. VALETE.—Publicarei algumas. «As sincopadas to-  
ram banidas do moderno charadismo, bem como outras  
especies antigas e semelhantes. Electricas, publicamos  
mas só em verso. Queira dizer-me em que dictionarios  
se verificam as produções que enviar. Sempre ao seu  
dispor.

NOTA IMPORTANTE

A produção n.º 2, de «Dr. Fantasma», fica fóra da  
votação.

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser  
endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r/c.  
LISBOA

QUADRO DE HONRA

BENEDICTO, EDIPO IGNOTO, NOVO, RE-  
NANDOP, MINTES, O «D. ROMA», DESTER-  
RADO 3824.

As decifrações do problema hoje publicado,  
devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao  
PROXIMO SABADO. A solução do problema  
do numero anterior sairá no proximo numero,  
bem como o QUADRO DE HONRA.

DECIFRAÇÕES DO N.º 126

HORIZONTAIS.—1 ás, 3 al, 5 ta, 6 ir, 7 al,  
8 la, 9 ai, 10 ia, 11 Amélia, 12 la.

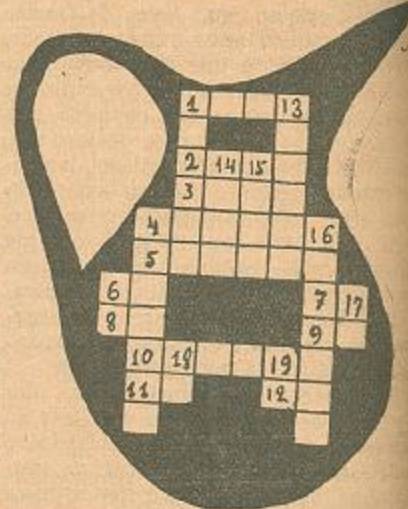
VERTICAIS.—1 al, 2 bl, 14 do, 3 Amalia, 15  
Emilia, 5 ta, 17 ia, 10 la, 18 el, 19 la.

PROBLEMA D'HOJE

Original do nosso illustre colaborador «M.  
Relvas Leitão» e dedicado a «Dois Torrejanos».

HORIZONTAIS.—1 nome de mulher, 2 Si-  
nete, 3 aro, 4 velha, 5 anagrama de Esmada,  
6 igreja, 7 nota de musica, 8 fluido, 9 caminha-  
va, 10 iguala, 11 aqui, 12 duas letras da pala-  
vra «Mano».

VERTICAIS.—1 nome de mulher, 4 nome  
de mulher, 6 Nome de homem, 13 cede, 14  
tudo que existe, 15 decretos, 16 nome de ho-  
mem, 17 duas letras da palavra «letra», 18 an-  
fibio, 19 laço.



ALVES & GUERRA, L. DA

ACESSORIOS E FERRAMENTAS PARA AUTOMOVEIS

TELEFONE 5496 N.

ARMAZEM DE VENDAS:—47, Rua Alves Correia, 49  
ESCRITORIO:—43, Rua Alves Correia, 43  
LISBOA

L C SMITH

A maquina de escrever que pela sua resis-  
tencia e rapidez todos preferem

CADA BARRA DE TIPO TRABALHA COM  
ROLAMENTO DE ESFERAS

Pedir catalogos e detalhes aos represen-  
tantes exclusivos para ortugal e Colonias  
THE MODERN OFFICE LTD.

107, R. DO ALEORIM—TEL. T. 66



Antiquidades

A' venda e em exposição no BRIC-A-BRAC ESTRELA.—Calçada da Estrela,  
57, (esquina da Rua Miguel Lupi).

ANUNCIAR NO ÉCRAN LUMINOSO DO RO-

CIO É FAZER UM ANUNCIO QUE A LISBOA TODA VÊ

Cosulich Line Presidente Wilson

esperado a 23 de Julho

Agentes:—E. PINTO BASTO & C.ª L.ª DA  
CAES DO SODRÉ, 64, 1.º LISBOA Telef.: C. 3601 3602 e 3603

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING



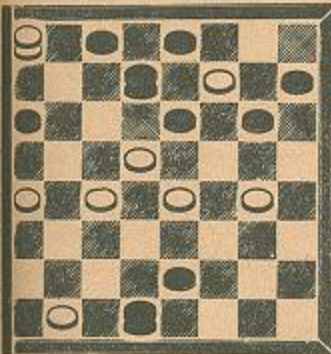
VARIA

# Uma impostora desmascarada

## DAMAS

PROBLEMA N.º 128

Pretas 2 D e 7 p.



Branças 1 D. e 7 p.

As Brancas jogam e ganham.

Solução do problema n.º 127

Branças	Pretas
17-21	26-17
10-15	17-10
12-16	20-11-4
18-22	4-18-75
21-30 (D)	27-20
30-9 e-13	

Ganha

HA alguns anos que tem servido de assunto para magazines o aparecimento e a existencia duma mulher que afirma ser a Grã Duqueza Anastacia Nicolaievna, quarta filha do czar Nicolau II, nascida em Peterhof a 18 de Junho de 1901, e milagrosamente salva da chacina que victimara seus pais e irmãos. Muitos jornais estrangeiros, principalmente americanos, consagram larga reportagem ao caso dessa M.<sup>me</sup> Tchaikovsky que a policia de Berlim retirara da agua do Landwehrkanal onde pretendia afogar-se, a 17 de fevereiro de 1920. Internada num asilo de alienados, recusou-se a dar o nome, mas, tendo contraído relações com uma certa M.<sup>lle</sup>, Pentert, alemã que outrora vivera na Russia, esta começou a espalhar que a desconhecida era nada

za, alguns nobres russos ofereceram-lhe a mais enternecida hospedagem.

A princeza Irene da Russia não a reconhece, mas a imperatriz viuva e a grã-duqueza Olga, mãe e irmã de Nicolau II, hesitam... Um medico russo, o Dr. Rudmef, afirma que ela tem graves lesões na caixa craniana e sinais de balas e de baionetadas.. Os partidarios da pseudo grã-duqueza tornam-se, de dia para dia, mais numerosos; condes, barões, antigos diplomatas, generaes, almirantes, veem beijar-lhe a mão. Na primavera de 1926, os seus protectores decidem, por conselho medico, envia-la a Lugano, na Suíça, e, apesar de ainda não haver um reconhecimento official, conseguem que o passaporte lhe seja passado me nome de Anastacia Tchaikovsky, nascida a 18 de Junho de 1901, em Tsars-

procurou prová-la. Com o auxilio do snr. Bischoff, professor de policia científica na Universidade de Lausanne, e utilizando umas preciosas fotografias que tinha em seu poder, fazendo o exame paralelo de detalhes fisio-nomicos da grã-duqueza Anastacia e de M.<sup>me</sup> Tchaikovsky, provou exuberantemente que não podiam ser uma e a mesma pessoa.

Uma minuciosa pesquisa judicial veiu apanhar a impostora em falso, no tocante a uma ausencia de tres dias que ela fizera, quando se encontrava em casa dum dos seus partidarios, o barão Kleist. Veio a saber-se que estivera na casa onde habitara com o seu verdadeiro nome de Franziska Schanzkowsky e ainda dentro da sua verdadeira personalidade, a de simples camponesa polaca, nascida a 16 de Dezembro de 1896, em Borowielass, na Pomerania, não tendo nunca posto os pés na Russia e tendo apenas aprendido as primeiras letras, numa escola alemã.

Para fazer o exame comparativo das feições de Anastacia e da impostora, Pedro Gilliard utilizou, entre outras, uma fotografia em que aparecem as quatro grã-duquezas com o cranio completamente rapado, fotografia tirada pouco depois de terem sofrido uns fortissimos ataques de sarampo.

As afirmações, tão cabalmente provadas, de Pedro Gilliard, vão encher de tristeza os monarquicos russos, mas é preferivel sofrerem essa desillusão a verem talvez, um dia, o trono imperial da Russia occupado por uma camponesa matreira.



As quatro filhas do czar Nicolau II, em 1914, poucos dias antes de rebentar a Grande Guerra, que lhes roubou a vida. A segunda, a contar da direita, é a grã-duqueza Anastacia

menos que a Grã-Duqueza Anastacia, a quem um soldado, de apelido Tchaikovsky salvara, no momento do massacre, fugindo com ela através dos montes Urais até Bucarest, onde a desposou. Os bolcheviques mataram-lhe o marido e ela fugiu para a Alemanha, chegado a Berlim com a esperanza de encontrar sua tia, a princeza Irene da Prussia. Quarenta e oito horas depois da chegada, deita-se ao Landharkweal, farta de lutar com a má sorte. Poucos dados sabe dar da sua vida passada, porque as coronhadas que lhe vibraram os soldados vermelhos, na sinistra casa Ipatief, lhe transformaram a cabeça. Nos meios monarchicos russos, a noticia causou uma jubilosa sunsação. Apesar da dificuldade de identificar a pseudo grã-duque

coé Sélo (não puzeram Peterhof, por equivoco). De regresso da Suíça, instalam-na num sanatorio da Baviera. A filha do Dr. Botkine, medico da familia imperial que com ela morreu, julga reconhece-la, mas, de facto, só serviu para lhe fornecer pormenores sobre a vida intima da corte russa.

Caminhava tudo em maré de rosas, quando surge agora um depoimento valiosissimo, que deita por terra, como um castelo de cartas, todo o romance habilmente forjado por uma impostora. E' o testemunho de Pedro Gilliard, perceptor do grão-duque herdeiro Alexis Nicolaievitch, que partilhou com seu discipulo e com a familia real o longo cativeiro de Tsarskoé-Sélo e de Tobolsk. Indo com sua mulher visitar a impostora, convenceu-se da fraude e

## Os insectos das arvores

Evita eficazmente que as arvores sofram os enormes prejuizos que causam todos os insectos, usando-se o acreditadissimo produto americano:

Cola «TANGLEFOOT»

A' venda na DROGARIA CEZAL

De ALBINO GARCEZ 12, Rua do Comercio, 14

V. Ex.<sup>a</sup> quer vestir  
com elegancia e economia?  
vista-se na



Ribeiro & Silva, L. da

ALFAIATES MERCADORES

RUA AUGUSTA, 154, 156 - LISBOA

Telefone C. 2468

Grande sortido em fazendas nacionais e estrangeiras e artigos de novidade

PREÇOS RESUMIDOS

# LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

Resolveram o problema n.º 126 os srs.: Artur Santos, Agostinho Teixeira Marques, José Brazão (Infantas), F. Braga (Stubal), Mario Domingos Pereira, Miguel dos Passos, Victor dos Santos Fonseca.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo sr. Armando Machado, que o dedica, como retribuição ao diario amador sr. Artur Santos.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do Jogo de Damas. Mize a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

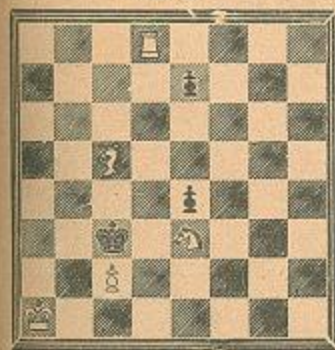
## XADREZ

A correspondencia sobre esta secção pode ser dirigida a Pedro Machado, Gremio Literario, Rua Ivens n.º 37

N.º 129 - PROBLEMA

Por J. Möller

Pretas (3)



Branças (5)

em tres lances

Solução do problema n.º 128 (Wainwright)

1 T e 6-1-6

Resolveram o problema N.º 127 os srs. Nunes Cardoso e Marcelino Marques de Barros.

TOURNEIOS DO GREMIO LISBONENSE

Categoria A-1.º (campeão do grupo): A. Pereira da Silva; 2.º Martinho da Rocha; 3.º Cap. Vicente Mendonça; 4.º Dr. C. H. de Freitas.

Categoria B-1.º (campeão de categoria): Dr. Eugenio Orlay; 2.º Dr. Mendes Bragança; 3.º J. Antunes Caldeira.

Categoria C-1.º José de Sá (campeão de categoria); 2.º Gabriel Russell; 3.º Raul F. Salles.

Os três primeiros classificados na categoria A adquiriram o direito á inscricção no Torneo Principal da P. P. X. que será organizado, muito provavelmente, ainda este ano.



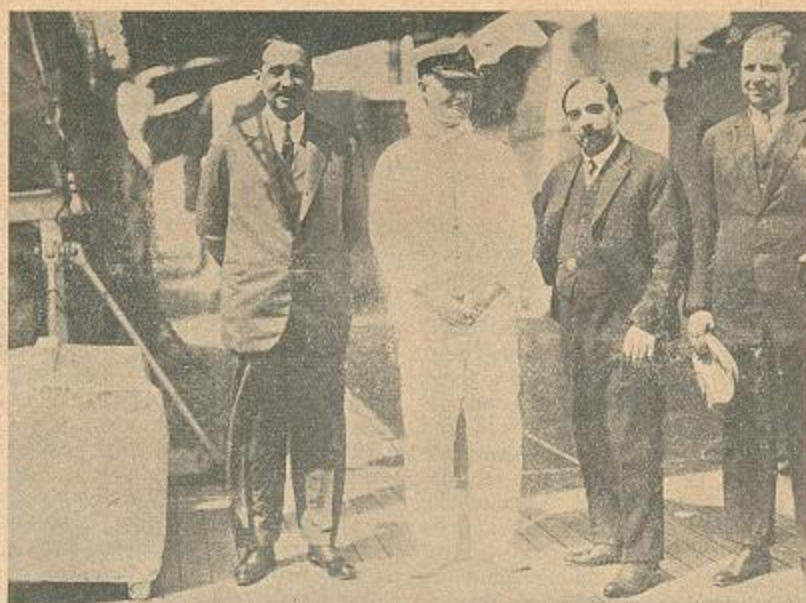
# actualidades graficas

## VIAJANTES ILUSTRES

### A MULHER NA AVIAÇÃO



Mlle. Anesia Pinheiro Machado, formosa e famosa aviadora brasileira que desejamos ver um dia, e que seja proximoamente, sulcar o céu de Portugal.



O regresso do nosso director para o Brasil, o escritor Alcantara Carreira, tendo á direita o comandante do «Almanzora», o sr. Adriano Pinto Coelho, ilustre presidente do Gabinete Português de Leitura, de Pernambuco, e o sr. Eduardo João de Amorim, grande industrial no Recife.

### O REGRESSO DOS TRIPULANTES DO «ARGOS»



Sarmento de Beires e Castilho, os nossos heróicos aviadores, com suas familias, á sua chegada a Lisboa.

### OURIVESARIA PORTUGUESA



Um formoso specimen de arte requintada que caracteriza os trabalhos expostos na ourivesaria J. & M. Pedro Fraga, Rua da Palma, 82.

### A FESTA AEREA DE VINCENNES



Uma acrobacia sensacional. O aviador Toutain, pendurado num biplano, faz trabalhos de trap-zio e agita bandeiras. (Foto Meurisse)

### A SEMANA SPORTIVA



Um formidavel salto á vara por Pedro Beirão, do «Sporting», o primeiro classificado atingindo 2<sup>m</sup>.85.



A corrida de 80 metros: Chegada dos atletas á meta, vendo-se em primeiro lugar Americo Antunes, do «Bemfica».



Herculano Mendes do «Academico», primeiro classificado no lançamento do péso.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING



PUBLICIDADE

# Sifilíticos

Preferi a todos os preparados os supositorios «LUESAN», unico caracterizado pelas seguintes propriedades. — **EFICACIA COMPLETA** — **TOLERANCIA ABSOLUTA** — **EMPREGO FACIL**.

A venda em todas as farmacias, e nos depositarios exclusivos:

## Sociedade Industrial Farmaceutica

FARMACIA AZEVEDO, IRMÃO & VEIGA  
24, Rua do Mundo, 28

FARMACIA AZEVEDO, FILHOS  
31, Praça D. Pedro IV, 32

LISBOA

# AUTOMOBILISTAS

Não percam tempo a aplicar remendos nas camaras d'ar com dissolução, gazolina ou mesmo com vulcanizações e applicações de remendos pelo calor, pois estes, algumas vezes, prejudicam as camaras d'ar.

Apliquem só os RUSTINES que é o unico remendo que cola sem dissolução, sem gazolina e sem calor. Podem-se aplicar com todo o tempo e em toda a parte.

PARA PERDEREM TEMPO, BASTAM OS MAUS CAMINHOS

Os RUSTINES são os mais seguros, mais rapidos e os mais limpos.

Encontram-se em todas as boas garages e casas de accessorios de autos, motos e bicycletes.

Deposito geral: — **GARAGE ANTUNES**

Praça dos Restauradores, 24 — LISBOA

TELEFONE C. 641

# Casa Palissy Galvani

Guilherme F. Simões

LIMITADA



COLOCAÇÕES  
E reparações de campainhas electricas,  
telefonos e pára-raios

LUZ ELECTRICA  
Deposito de todos os aparelhos  
da sua especialidade

Preços sem competencia

Descontos aos revendedores

13, RUA SERPA PINTO, 15  
LISBOA



Aparelhos foto-  
graficos,  
chapas, peliculas,  
papeis  
e accessorios,  
dos  
melhores fabri-  
cantes.

Especialidade  
em  
trabalhos para  
amadores.

Reportagens em todos os generos e em qual-  
quer po to do paiz. Pessoal habilitado em re-  
portagem desportiva e actualidades.

## ARMAZEM DAS LAMPADAS

Instalações electricas

REVENDAS DE LAMPADAS E MATERIAL

GRANDES DESCONTOS

116, 1.ª Rua do Crucifixo, - 116, 1.ª

Telefone C. 570

## EMONEURA

MEDICAMENTO - ALIMENTO



O Tónico  
mais recomendado  
pelos medicos  
e usado sempre com  
exito.

Deposito geral: **Manoel J. Teixeira**  
115, R. do Poço dos Negros, 117—LISBOA

## APARELHOS VIO

Chegou nova remessa. Tratamentos medicos,  
higiene e beleza pelos

RAIOS ULTRA VIOLETA

ARMAZEM DAS LAMPADAS

116, 1.ª, Rua do Crucifixo, 116, 1.ª

Telefone C. 570

## SALÃO ELEGANTE DAS AVENIDAS

ATELIERS DE ROUPARIA E CHAPEUS PARA SENHORAS  
Sempre os ultimos modelos.

ENXOVAIS PARA NOIVAS — Meias de seda, Perfumarias e Novidades

Secção de CABELEIREIRO PARA SENHORAS E CRIANÇAS

Cortes pelos ultimos figurinos, ondulação Marcel, pinturas, etc.

49-A, AVENIDA DA REPUBLICA, 49-C. Telefone Norte 5689

# Leilões

COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES — HIPOTECAS — TRESPAS-  
SES. — REFERENCIAS BANCARIAS E COMERCIAIS.

**Julio Franco da Cruz, L.ª**

108, R. DA ALFANDEGA, 1.º

LISBOA

## A. CRUZ L.ª

R. DA MADALENA, 29, 2.º — LISBOA

Telefone C. 1143

Armazem de productos  
quimicos e especialidades  
farmaceuticas nacionais e es-  
trangeiras

GASES E ALGODÕES

ARTIGOS DE BORRACHA  
E UTENSILIOS PARA LABORATO-  
RIOS E CIRURGIA

Fornecimentos completos para  
Farmacias e Hospitais

Importação directa

## PARA CRIANÇAS

ALIMENTOS ALLENBURY'S

Adequados ás varias idades

N.º 1 — lacteo — para recém-nascidos

N.º 2 — — dos 3 aos 6 meses

N.º 3 — maltado — além dos 6 meses

BIBERONS ALLENBURY'S

O melhor modelo

lavavel — pratico — transparente

BISCOITOS ALLENBURY'S

maltados, para o desmame e dentição

Representantes: COLL TAYLOR, Lt.ª

Rua Douradores, 29, 1.º — LISBOA

Telefone C. 1386

# Jóias

ANTIGAS E MODERNAS, PRATAS E CAUTELAS DO MONTEPIO GERAL

Compram-se pelos maiores preços,  
seja qual for a sua importancia.

**T. DA TRINDADE, 22**

(Frente ao Teatro do Gimnasio)

A "Comercial"

**TELEF. 1094 N.**

## FUNERAES

DOS MAIS SIMPLES AOS  
MAIS LUXUOSOS

TRASLADAÇÕES  
PARA TODOS OS CEMITERIOS,  
PROVINCIA, ETC.

PREÇOS REDUZIDOS

URNAS,  
ARMAÇÖES,  
COROAS, ETC.

SERVICÖ PERMANENTE

131, R. DOS ANJOS, 133

RESIDENCIA:  
RUA DOS ANJOS, 139, 2.º E.

**LISBOA**

MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO



A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

# O DOMINGO

## *ilustrado*

**ASSINATURAS**  
CONTINENTE E BISSAIA  
ANO - 48 ESCUDOS -  
SEMESTRE - 24 ESC -  
TRIMESTRE - 12 ESC -

**ASSINATURAS**  
COLONIAS  
ANO, 5220 - SEMESTRE, 2600  
ESTRANGEIRO  
ANO, 6460 - SEMESTRE, 3230

NOTÍCIAS & ACTUALIDADES GRÁFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTÓRIOS & UTILIDADES



### **A Tragedia da Noite de São Pedro**

Quinta-feira, no Caminho de Baixo da Penha, um foguete caiu sobre um pardiêro, incendiando-o. Pouco depois, explodiam tres bombas de dinamite que haviam sido adquiridas, como sucata, pelo «ferro velho», dono do barracão.

**LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING**